

VITORINO NEMÉSIO

OBRAS COMPLETAS

Vol. XXIV

Relações Francesas  
do Romantismo Português  
e outros estudos

Prefácio de Aníbal Pinto de Castro

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA  
2008

## **VITORINO NEMÉSIO OU A LIÇÃO DA ESTÉTICA PELA AULA DA VIDA**

Reúnem-se neste volume das Obras Completas três trabalhos de Vitorino Nemésio que, a meu ver, representam outros tantos aspectos da sua multímota personalidade estética revelados pelo trabalho do Professor, do Investigador e do Ensaísta, consubstanciados na agudíssima sensibilidade do Poeta.

Conheci Vitorino Nemésio andaria eu pelos meus 17 anos de idade, quando de uma visita que lhe fiz, levado pela Senhora D. Virgínia Gersão, ao tempo Professora do Liceu Infanta D. Maria, uma grande amiga sua e de sua Esposa, a Senhora D. Gabriela, à modesta casa que sempre conservou nos arredores de Coimbra, no lindo lugar do Tovim, a que pusera o nome de Casaréus, de tão suave ressonância idílica, e que o camartelo da expansão urbana viria impiedosamente sacrificar para sempre.

Das próximas relações de meus Pais, aqui em Cernache, desde cedo apreendeu o meu gosto pela Literatura e fora ela quem encaminhara os meus primeiros passos por esses caminhos de maravilha. Como eu terminara então o Curso dos Liceus, lembrou-se ela de me levar a conhecer alguém que, sendo um Professor, era também um Poeta. E lá fomos!

Foi uma tarde de deslumbramento para o estudantinho bisonho que eu então era!

Vieram depois, ao longo dos anos, conversas e encontros, ocorridos sobretudo ao acaso das viagens de comboio de e para

Lisboa, durante os quais a demora do trajecto se aligeirava num deslumbramento em que ele falava e eu ouvia, numa espécie de «Se bem me lembro» antecipado, onde o interlocutor, reduzido a um único ouvinte, não tinha a separá-lo do comunicador a barreira para ele invisível das câmaras, podendo assim colher toda a riqueza e todos os matizes da mensagem.

Finalmente, a correspondência. Não era eu, naturalmente, pessoa com quem Nemésio gastasse tempo e atenções que lhe faziam falta para outros afazeres de uma vida cheia de cuidado e ocupações. Mas algumas vinham, de vez em quando, trazidas pela sua estima e pela delicadeza do seu trato. Recordo com especial interesse e carinho uma dessas cartas.

Em 1976, logo nos primeiros tempos de vida do Instituto Universitário e depois Universidade dos Açores, a realização de exames de admissão levou-me à cidade da Horta, na ilha do Faial. Fiel ao meu costume de levar nestas andanças alguma obra literária relacionada com os lugares que visito, tinha comigo o *Mau Tempo no Canal*. Pedem-me uma lição pública para os professores e alunos dos anos terminais dos cursos secundários. Como não ia preparado para tal e tinha ali à mão aquela obra cimeira da Literatura Portuguesa Contemporânea, resolvi apresentar a minha leitura dela e enviei de lá um postal ilustrado ao Autor em que lhe dizia da minha aventura. Esteve

longos meses sem me dar sinal de vida, mas ao fim e ao cabo lá me chegou a resposta, que é uma verdadeira lição de criação ficcional.

A ideia fulcral parte desta observação: hão-de-lhe ter dito que das Angústias não se vê o Pico, mas a ficção não é uma cópia exacta da realidade. O que seria da literatura e da poesia que subjaz a qualquer género, se assim acontecesse? E a partir daqui faz uma aliciante dissertação acerca deste aspecto tão relevante da criação literária, que lembra a teoria de Camilo acerca do binómio entre a imaginação e a realidade na construção da diegese narrativa e da simbiose que dele tem de nascer.

Foi na gratíssima evocação destas lembranças que elaborei as presentes páginas, fazendo delas um preito de sentida homenagem ao seu Autor.

Serve-lhes de denominador comum o facto de todas, cada uma à sua maneira, se prenderem à cultura e à língua francesas, que, para a sua geração, como ainda para a minha, constituíram a matriz essencial da *forma mentis* de quantos se abalançavam às *lettres d'humanité*.

As *Relações Francesas do Romantismo Português*, o primeiro dos textos a seguir trazidos de novo à luz, foi publicado em primeira edição na série «Cursos e Conferências» editada pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra em 1936.

## ÍNDICE

VITORINO NEMÉSIO OU A LIÇÃO DA ESTÉTICA PELA AULA DA VIDA, por Aníbal Pinto de Castro .....	9
RELAÇÕES FRANCESAS DO ROMANTISMO PORTUGUÊS .....	21
CAP. I — Leituras francesas pré-românticas e de românticos secundários .....	23
§ 1.º A sedução francesa. Os séculos xvii e xviii.....	23
§ 2.º Confusão de valores: Béranger, Millevoye, Delavigne....	37
§ 3.º O romance de Dumas e de Sue e o teatro de Scribe; o equívoco Balzac-Kock. Românticos menos conhecidos	44
CAP. II — Perspectiva portuguesa do romantismo francês. Madame de Staël e de Chateaubriand .....	55
§ 1.º Predomínio de Chateaubriand e de Lamartine. Homens públicos .....	55
§ 2.º Os amores portugueses de Madame de Staël .....	59
§ 3.º Chateaubriand: o maravilhoso cristão, o eu, as ruínas e o exótico .....	66
CAP. III — Lamartine .....	85
§ 1.º O lirismo religioso e pessoal .....	85
§ 2.º O lamartinianismo de Herculano. <i>Jocelyn</i> .....	88
§ 3.º Outros leitores de Lamartine. Dissolução da sua voga	97

CAP. IV — Hugo, Musset e Vigny .....	109
§ 1.º O problema da pouca repercussão imediata da poesia de Hugo em Portugal. As <i>Orientales</i> .....	109
§ 2.º O teatro de Victor Hugo .....	118
§ 3.º Hugo romancista: <i>Notre Dame</i> e Herculano. Hugo revolucionário .....	122
§ 4.º A importação hesitante do Musset, Garrett e Camilo ....	132
§ 5.º A poesia de Vigny e a de Herculano. O romance histórico .....	139
CAP. V — Exotismo português e lusofilia no romantismo francês .....	149
§ 1.º Camões. Chateaubriand e os Açores .....	149
§ 2.º O lusófilo Ferdinand Denis e o seu exotismo brasileiro	158
§ 3.º Quinet, a visão da Lisboa das Índias e o primeiro juízo de conjunto sobre o romantismo português .....	172
§ 4.º Outras relações .....	182
LE SYMBOLISME PORTUGAIS ET LA FRANCE .....	187
LA GÉNÉRATION PORTUGAISE DE 1870 .....	195